

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## TOPONÍMIA NUMÉRICA (REAL E APARENTE) OU NUMERAÇÃO TOPONÍMICA.

CHAVES, Luís

Ano: 1957 | Número: 67

---

### Como citar este documento:

CHAVES, Luís, Toponímia numérica (real e aparente) ou numeração toponímica. *Revista de Guimarães*, 67 (3-4) Jul.-Dez. 1957, p. 461-498.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Toponímia numérica

(real e aparente)

## ou Numeração toponímica

PELO DR. LUÍS CHAVES  
Do Museu Etnológico de Lisboa

Entre os nossos topónimos existem alguns, que, real ou aparentemente, representam formas ou expressões numéricas.

Têm numeração real os que, provada ou provavelmente, correspondem à significação comum de números aritméticos, sejam inteiros (cardinais e ordinais), ou fraccionários, partitivos e distributivos. A interpretação deles é assunto à parte.

São de numeração aparente os que se confundem com os anteriores, como se lhes equivallessem; a equiparação procede, porém, da deformação popular do topónimo primitivo, por sugestão auditiva (etimologia popular). Dão bom número destes topónimos os da confusão de *Sem* e *Cem*, bem assim os que, terminados em *-mil*, se dividiram e deixaram isolado o numeral *mil*, como Tresmil — Três-mil, Santomil — Santo-mil, etc.

### I

#### NUMERAIS CARDINAIS

1, 2 (Dois e Duas), 3, 4, 5, (6?), 7, (8?);  
9, 10, 11, 12, [...?], 100, [...?], 1.000.

— 1 —

*Vila de Um Santo*

(Vila de 1 Santo)

O Dr. Joaquim da Silveira estudou este topónimo na *Revista Lusitana*, vol. 35.º, Lisboa, 1937, a pp. 104-105.

... «curiosa deformação de *Villa de Dom Sando*, como lhe chamam documentos de 1302, 1307, 1311, 1329, etc. (Fr. Baltasar dos Reis, *Libro da f. do Mosteiro de Salzedas*, publicado pelo Dr. Leite de Vasconcelos, pp. 140 e 142-143). O censo de 1527 traz *Villa do Santo* (cad. 135).

«*Sando* que foi deformado em *santo* por etimologia popular, é conhecido nome pessoal antigo, de origem germânica. *Dom*, como *Dona*, em próclise fizeram *dum*, *duma*, o que facilitou a errada cisão em *de um*. Cfr. *Dum Bento*, *Dum Randulfo* em 1202 (*Elucid*, s. v. *dum*); *Dum Christophano* em 1220 (*For.* 586); *Dũ Cabrão* no *Auto da Natural Invenção* do Chiado, verso 505; e vid. outros exemplos no *Dic.* de Moraes s. v. *dum*. [...]».

No «Onomástico Medieval Português», de A. A. Cortesão, publicado durante anos, ao longo de volumes sucessivos de *O Archeologo Português* (ed. do Museu Etnológico), foi recolhido o nome *Sando*, com a nota respectiva: — «*n. h.*, 933. *Doc. most. Arouca. Dipl. 24.-Id. [Inq.] 96*». (Vol. XV, 1910, p. 256). (1)

A longa e prestabilíssima lista de topónimos e gentílicos, publicada pelo Dr. I. Xavier Fernandes,

(1) Na mesma página do «Onomástico» sucedem-se nomes e apelidos de homem ou de mulher e nomes de lugares, com o radical *Sand* — São, na ordem dos anos da documentação: — 915, *Sandinus*, n. de h.; (933, *Sando*); 959, *Sandecus* e *Sandetus*, n. h.; 960, *Sandizi*, apel. de h.; 981, *Sandiniz*, id.; 983, *Sandemiru*, n. de h.; 1057, *Sandariz*, id.; 1066, *Sandi*, n. geogr.; 1068, *Sandiz*, id., e *Sandia*, apel. de m.; (1220, *Sande*, apel. de h.; 1258, *Sandamir*, n. geogr. e *Sandilino*, id.; no séc. xv, *Sandouval*, apel. de h.

contém o topónimo *Sando* e outros da mesma raiz *Sand-* do germano-gótico *Sands*.—*Sando* figura em formas compostas, como *Sandamil*, *Sandomil*, *Santomil*. (*Topónimos e Gentílicos*, vol. II, p. 44). *Sande*, variante de *Sando*, está a par deste na toponímia, e entrou, como apelido, na antroponímia. (1)

Espalha-se o topónimo *Sande* pelos concelhos de Guimarães (onde há dois: São Martinho e São Lourenço de Sande), Lamego, Marco de Canaveses, Ovar, Santo Tirso, Vila Verde (com Sande de Baixo e Sande de Cima), etc., e Vila Nova de Sande, no de Guimarães.

— 2 —

*Dois Portos*

(2 Portos)

no conc.<sup>o</sup> de Torres Vedras (sede de freg.<sup>a</sup>): Estremadura.

— *Porto*, nome comum; nada de estranho há no topónimo do concelho, que atinge o litoral.

*Duas Igrejas*

(2 Igrejas)

nos conc.<sup>os</sup> de: Feira (freg.<sup>a</sup> de Romariz): Douro Litoral; — Miranda do Douro (sede de freg.<sup>a</sup>): Trás-os-Montes e Alto Douro; — Paredes (sede de freg.<sup>a</sup>): Douro Litoral; — Penafiel (sede de freg.<sup>a</sup>): Id.; — Sátão (freg.<sup>a</sup> de Ferreira de Aves): Beira Alta; — Vila Verde (sede de freg.<sup>a</sup>): Minho.

— *Igreja*: nome comum, alusivo ao acidente de geografia humana, que denota.

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928, págs. 36 e 167.

Há certamente, por aí fora, lugares e pequenos povoados, e até sítios ermos, além de quintas e vilares, a que acidentes naturais ou humanos deram nomes com o número 2; como: duas fontes, dois poços, dois regos, dois ribeiros, etc., por ventura não recolhidos ou desgarrados em notícias e memórias locais. Como se formaram os apontados, muitos outros do mesmo teor se terão formado.

Porque o voc. colectivo *ambos* significa relação ou conjunto de duas pessoas ou coisas, pode anotar-se aqui o topónimo de *Entre Ambos os Rios*, equivalente a «Entre os Dois Rios» conhecidos e não nomeados: *Ontrambos Ribulos* (séc. XI), *Inter ambos Rios* (séc. XIII), etc.

### *Entre Ambos os Rios;*

(Entre os 2 Rios)

nos conc.<sup>os</sup> de: — Penafiel (Entre os Rios) (sede de freg.<sup>a</sup>): Douro Litoral; — Ponte da Barca (sede de freg.<sup>a</sup>): Minho.

*Gêmeos*: se o voc. indica o nascimento e existência de mais de um filho no mesmo parto, abrange (mais vulgarmente o número menor deles, — 2. Aproxime-se, pois, da classe numérica o topónimo correspondente. O mesmo para: *Geme*, *Gemeses* e *Gemeeira*.

### *Gêmeos*

(2)

nos conc.<sup>os</sup> de Celorico de Basto (sede de freg.<sup>a</sup>): Minho; — Guimarães (id.): Id.

*Gemes*

no conc.º de Vila Verde (sede de freg.<sup>a</sup>):  
Minho.

*Gemeses*

de «villa geminensis», isto é, «quinta dos  
gémeos» (A. Gomes Pereira, *Trad. popul.*  
[...] de Barcellos, p. 402); — no conc.º  
de Esposende (sede de freg.<sup>a</sup>): Minho.

*Gemeeira*

no conc.º de Ponte do Lima (sede de  
freg.<sup>a</sup>): Minho.

*Gemeeira de Baixo*

e

*Gemeeira de Cima*

no conc.º de Oliveira de Azeméis (freg.<sup>a</sup>  
de Mancinhata de Ceiça): Beira Litoral.

— 3 —

*Três Arcos*

(3 Arcos)

no conc.º de Anadia (freg.<sup>a</sup> de Arcos):  
Beira Litoral.

*Três Campos*

(3 Campos)

no conc.º de Barcelos (freg.<sup>a</sup> de Courel):  
Minho.

*Três Minas*  
(3 Minas)  
e Tresminas

no conc.º de Vila Pouca de Aguiar (sede de freg.<sup>a</sup>): Trás-os-Montes e Alto Douro (1).

*Três Moinhos*  
(3 Moinhos)

no conc.º de Ponte do Lima (freg.<sup>a</sup> de Vitorino das Donas): Minho.

*Três Montes*  
(3 Montes)  
e Tresmontes

no conc.º de Vinhais (freg.<sup>a</sup> de Gestosa): Trás-os-Montes e Alto Douro.

«*Três Ouras*»  
(Tresouras ?)

no conc.º de Baião (sede de freg.<sup>a</sup>) Douro Litoral.

---

(1) O topónimo *Tresminas* (oficial) é pronunciado em toda a região, bem distintamente, *Três Minas*. Justifica-se originariamente pela existência de minas de exploração romana, comprovada pela técnica da abertura e sustentação das galerias, pelo achado de instrumentos próprios, e, pelo menos, por três inscrições, que Leite de Vasconcelos interpretou e publicou em *Revista de Arqueologia*, vol. III, págs. 193 e ss., Lisboa, 1936, com o título de «Três inscrições romanas inéditas do concelho de Vila Pouca de Aguiar». Ver notícia de explorações modernas em «*Estudos, Notas e Trabalhos*, do Serviço de Fomento Mineiro», publicados pela Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos, do Ministério da Economia, vol. IX — Fasc. 1-4, — 1954, págs. 30-33, no «Cap. VI. — O ouro de Vila Pouca de Aguiar», do estudo intitulado «Algumas lavras auríferas romanas», de J. Silva Carvalho e O. da Veiga Ferreira.

*Três Rios*

(3 Rios)

A «Região dos 3 Rios» é na Beira Alta a terra banhada pelos 3 rios seguintes: Dão, Dinhas e Asnos (Rio dos Asnos), este ao meio dos outros, o que deu origem ao adágio regional: — entre o Dinhas e o Dão, há um rio aonde todos os asnos vão. «Dinhas», por Dainhas será o diminutivo de «Dão», o maior dos três rios.

\*

Estes topónimos precisam de alguns comentários. Há, entre eles, os que designam o numeral 3: — 3 Arcos, 3 Moinhos, 3 Rios; e os que aparentemente o fazem: — 3 Campos, 3 Minas, 3 Montes, onde «tres —» provém do abrandamento da vogal de «tras —» na linguagem popular; assim, estão por Tras los Campos, Tras las Minas, Tras los Montes, isto é, Trans los Campos, Trans las Minas, Trans los Montes e podem ser também Trans- e Tras los Moinhos, o que quer dizer além de- ou detrás de-, por trás- e por detrás de- cada um dos referidos pontos de referência (campos, minas, moinhos, etc.).

Este sector toponímico de trans-, tras-, tra lo- e tra-la, tras los- e tras-las, e, finalmente tres- e tre-, é rico de elementos de estudo em qualidade e quantidade.

Os Topónimos *Tresval* e *Tresvalo*, se significassem número de «val» (forma sinc. de vale) ou «valo», seriam *tresvals* (pl. de val) ou *tresvales* e *tresvalos*. Ora, no *Onomástico Medieval Português*, de A. A. Cortesão, já mencionado, aparece *Tras lo valo* («geogr. 1258, Inq. 312, 1.<sup>a</sup> cl.» em *O Arch. Português*, vol. XVI, p. 232). O abrandamento de «tras» em «tres» e a queda do artigo arcaico -lo-dariam *Tresvalo*, que significa «além do valo» ou «para lá do valo». Paralelamente, *Tresval* (a par de *Tresvale*) nomeia povoado que fica «para lá do val (vale)».

Ao topónimo registado *Três Moinhos* correspondem as formas medievais (1258) *Trans Molinis*, *Tralos Moynos*, *Tras Moinos*, e no sing. *Tras lo moyno*.

Leite de Vasconcelos apresentou os casos de *Trelasbouças* (Tre-las-bouças por Tras-las-bouças), que significa trás- ou trans-las bouças, e *Trelavinha*, de trás- ou além- da vinha (*Opúsculos*, vol. III pp. 445-446); nestes topónimos manteve-se o artigo.

Semelhantes: *Translamas* (1220) e *Traslamas* (1268) (*O Arch. Port.* vol. XVI, pp. 332-333).

Como «3 Rios» (numeral certo de origem, no caso inscrito), o *Onomástico Medieval* incluiu *Tras Rio* e *Tras o Rio* (1258), e *Trasrivulo* (1220).

No concelho de Barcelos (Minho), dois topónimos, ambos alusivos a posições relativas, são do mesmo teor, mas de formação mais recente: *Detrás da Agra* (freg.<sup>a</sup> de Gãmil) e *Trás da Fonte* (freg.<sup>a</sup> de Galegos, Santa Maria). O segundo tem correspondente medieval em *Transfontano* (1033). No concelho de Óbidos (Estremadura): *Tras do Outeiro*, *Trás Outeiro* e *Trasouteiro*.

\*

De *Tresouras*: no *Onomástico Medieval* está o topónimo *Tres Óras* («geogr. 1258. Inq. 401, 1.<sup>a</sup> col.» em *O Arch. Port.*, vol. XVI, p. 234). No concelho de Baião (Douro Litoral) existe o topónimo *Tresouras*, que pode muito bem corresponder a «Tres Óras» com o alongamento do o fechado em ditongo, se é que esse ô não representa já grãficamente o ditongo. Valeria por três—(além de—) e «oura», também «oira», que se encontram em outros topónimos (cfr. Joaquim da Silveira, em *Revista Lusitana*, vol. XXXV, pp. 130-131): *Oura*, Vila Verde d'Oyra, no censo de 1530 (freg.<sup>a</sup> do conc.<sup>o</sup> de Chaves) e *Ribeira de Oura*; *Ouraça* (conc.<sup>o</sup> de Penacova: freg.<sup>a</sup> de Carvalho), *Ouais* (conc.<sup>o</sup> de Castelo de Paiva: freg.<sup>a</sup> de Raiva), *Oural* (conc.<sup>o</sup> de Paredes: freg.<sup>a</sup> de Castelões de Cepeda), *Ouredo* (conc.<sup>o</sup> de Braga: freg.<sup>a</sup> de Nogueiró), etc.

Com *Trepezo*, vila, 1073, *Trepezzo*, vila, 1094, e *Trepezeto*, vila, 1008 (O ARCH. PORT., XVI, p. 234), andarão relacionados os topónimos actuais: *Trepeça* (conc.º de Fafe: freg.ª de Arões) e *Trepecido* (conc.º de Guimarães: freg.ª de Fermentões).

A *Trasmondos*, 1258, em «Canais de Trasmondos», do *Onomástico Medieval* (O ARCH. PORT., XVI, p. 233), andam ligados os antropónimos *Trasmondo* (870) e *Trasmundus* (964) e o apelido *Trasmondizi* (1072); terá hoje presença em *Tresmondos* (con.º de Ponte do Lima: freg.ª de Cabaços) e *TRESMUNDES* (con.º de Chaves: freg.ª de Cela).

\*

*Ribeiro das Três Voltas*  
(Ribeiro das 3 Voltas)

Açores: Leite de Vasconcelos, em *Opúsculos*, III, 466.

*Tresmil*, (Três Mil)  
(3 Mil)

Os topónimos terminados em mil, que possam parecer desdobrar-se, e na forma popular se tenham desdobrado, como este, pertencem à «casa dos 1.000».

— 4 —

*Quatro Águas*  
(4 Águas)

no conc.º de Lousã (freg.ª de Serpins):  
Beira Litoral.

*Quatro Canadas*  
(4 Canadas)

Açores: referido por Leite de Vasconcelos em *Opúsculos*, vol. III, p. 466.

*Quatro Irmãos*

(4 Irmãos)

no conc.º de Guimarães (freg.ª de Sande):  
Minho.*Quatro Lagoas*

(4 Lagoas)

no conc.º de Soure (freg.ª de Pombalinho): Beira Litoral.

*Quatro Marcos*

(4 Marcos)

no conc.º de Montijo (freg.ª de Sarilhos  
Grandes): Estremadura (Transtagana).*Quatro Ribeiras*

(4 Ribeiras)

no conc.º de Praia da Vitória, na Ilha  
Terceira, Açores (sede de freg.ª).

\*

Na toponímia urbana de Lisboa há o Largo dos *Quatro Caminhos* (4 Caminhos) na freg.ª de Santa Engrácia, e *Quatro Travessas* (4 Travessas), na freg.ª do Beato. O primeiro é hoje o Largo dos Sapadores (1).

\*

— *Águas, Lagoas, Ribeiras*, são acidentes geográficos; — *Canadas e Marcos*: pontos de referência local, no terreno; — *Irmãos*: referência possível a existência destes parentes no mesmo lugar, ou a propriedade comum deles, episódio familiar desconhecido.

(1) Tomou o nome de L. dos Sapadores em homenagem ao regimento de sapadores, aí aquartelado.

— 5 —

**Cinco Ribeiras**

(5 Ribeiras)

no conc.º de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores (sede de freg.<sup>a</sup>).

**Cinco Vilas**

(5 Vilas)

no conc.º de Figueira do Castelo Rodrigo (vila, sede de freg.<sup>a</sup>): Beira Alta.

\*

Entende-se que a pov. de *Cinco Ribeiras* fica localizada numa região cortada ou fertilizada por esse número — 5 — de ribeiras.

*Cinco Vilas* tem notícia escrita em — *Apontamentos resumidos respeitantes às antigas — Cinco Vilas e Aregos*, publicados em 1927 por António Ferreira Pedro.

Estas cinco vilas, que contribuíram para o topónimo, são antigas unidades territoriais, como as definiu A. Gomes Pereira na monografia folclórica, linguística e toponímica de Barcelos (1). A pp. 314-315: — *Villa*, no sentido romano e gótico, é uma grande extensão de terra unida e pertencente a um só *dominus* ou senhor. [...] Em época pouco anterior à fundação da monarquia já a palavra *villa* significava as diferentes quintas, casais ou granjas, em que as *villas* primitivas se iam desmembrando».

É expressão rural esta de «vila». Diz-nos Leite de Vasconcelos, no vol. III de *Etnografia Portuguesa*: — «Ascendendo ao latim, aí se nos depara *villa* em sentido de «casa de campo» e «quinta»; e ele nos explica que também em Portugal, na idade-média,

(1) António Gomes Pereira, *Tradições populares, Linguagem e Toponymia de Barcellos*, Esposende, 1916, págs. 314-315.

tivéssemos *vila* em sentido análogo (1). Em outro passo, fornece exemplos de povoações, que tiveram origem nas antigas *vilas* (2).

— 7 —

*Sete*  
(7)

no conc.º de Castro Verde (freg.<sup>a</sup> de Santa Bárbara): Baixo Alentejo.

*Sete Capelas*  
(7 Capelas)

quinta na freg.<sup>a</sup> de S. Veríssimo de Valbom: conc.º de Gondomar: Douro Litoral; tem sete capelas, segundo a informação de Pinho Leal, em *Portugal Antigo e Moderno*, vol. IX, Lisboa, 1880, p. 198.

*Sete Casas*  
(7 Casas)

nos conc.ºs de: — Loures (freg.<sup>a</sup> de Loures): Estremadura (Cistagana); — Moura: Baixo Alentejo.

*Sete Cativos*  
(7 Cativos)

no conc.º de Lamego (freg.<sup>a</sup> da Sé): Beira Alta.

*Sete Cidades*  
(7 Cidades)

Ponta Delgada (Açores), Madalena: Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. III, p. 466.

(1) Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, vol. III, Lisboa, 1936, pág. 295.

(2) *Id.*, *id.*, págs. 382 e ss.

**Sete Fontes**

(7 Fontes)

nos conc.<sup>os</sup> de Ponte do Lima (freg.<sup>a</sup> de Beiral do Lima): Minho; — Régua (freg.<sup>a</sup> de Sedielos): Trás-os-Montes e Alto Douro; — São Pedro do Sul (freg.<sup>a</sup> de São Martinho das Moutas): Beira Alta; — Vila Verde (freg.<sup>a</sup> de Moure): Minho.

**Sete Moinhos**

(7 Moinhos)

lugar, antigamente fora de Lisboa e actualmente integrado na Cidade (freg.<sup>a</sup> de Santa Isabel); a toponímia local alude ao nome antigo: *Baixa dos 7 Moinhos*; *Calçada dos 7 Moinhos*; *Rua e Travessa dos 7 Moinhos*.

**Sete Rios**

(7 Rios)

lugar dos arredores de Lisboa, integrado hoje na Cidade, como o anterior (freg.<sup>a</sup> de S. Sebastião da Pedreira).

**Sete Pedras**

(7 Pedras)

no conc.<sup>o</sup> de Penafiel (freg.<sup>a</sup> de Oldrões): Douro Litoral.

**Sete Vilas**

(7 Vilas)

no conc.<sup>o</sup> de Óbidos (Olho Marinho): Estremadura (Cistagana).

*Casal dos Sete Lenços*  
(Casal dos 7 Lenços)

no conc.<sup>o</sup> de Alcobaça (freg.<sup>a</sup> de Évora ou Évora de Alcobaça): Estremadura (Cis-tagana).

*Moinhos de Sete Fontes*  
(Moinhos de 7 Fontes)

no conc.<sup>o</sup> de Cantanhede (freg.<sup>a</sup> de Ourentã): Beira Litoral.

*Lagoa das Sete Cidades*  
(Lagoa das 7 Cidades)

hidrónimo, lagoa açoreana em S. Miguel (Açores), a que anda ligada a lenda de Sete Cidades, afundadas no lugar ocupado pela lagoa, lenda, com variantes e afinidades, existentes em todos os povos, para interpretação da origem de lagos e lagoas<sup>(1)</sup>. A Lagoa ou Lago das Sete Cidades, de origem vulcânica, é formada por outras quatro, ligadas entre si: a *Lagoa Azul*, a *Lagoa Grande*, a *Caldeira Grande* e a *Caldeira Pequena*. O número delas, que o povo, formador de topónimos, não distinguiu entre si, não influiu por isso na formação deste; pode estranhar-se que, sendo frequentes nas ilhas os topónimos numéricos (Ribeiro das 3 voltas, 4 Ribeiras, 4 Canadas, 5 Ribeiras, 9 Ribeiras, 12 Ribeiras), não tenha sido formado o de Quatro Lagoas ou 4 Lagoas; prevaleceu a lenda. As 4 lagoas são apenas conhecidas dos geógrafos.

(1) Leite de Vasconcelos: — *Tradições Populares de Portugal*, Porto, 1882, págs. 80-81, §§ 179 e 180; *Etnografia Portuguesa*, vol. III, págs. 208-209.

— 9 —

*Nove Ribeiras*

(9 Ribeiras)

no conc.º de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores (sede de freg.<sup>a</sup>).

— 10 —

*Aldeia das Dez*

(Aldeia das 10)

no conc.º de Oliveira do Hospital (sede de freg.<sup>a</sup>): Beira Alta.

— 11 —

*Onze Águas*

(11 Águas)

referência de Leite de Vasconcelos: nos Açores. *Opúsculos*, vol. III, p. 466.

— 12 —

*Doze Ribeiras*

(12 Ribeiras)

no conc.º de Angra do Heroísmo, Ilha Terceira, Açores (sede de freg.<sup>a</sup>). Repare-se na insistência da toponímia açoreana, referida a números de ribeiras: *4 Ribeiras* (Praia da Vitória), *5 Ribeiras*, *9 Ribeiras* e *12 Ribeiras*, pov. todas no conc.º de Angra do Heroísmo.

*Doze à Ribeira Grande*

(12 à Ribeira Grande)

também *Lugar das Doze (12) à Ribeira Grande*, na freg.<sup>a</sup> de 12 Ribeiras: Angra do Heroísmo.

*Doze Sobreiros*

(12 Sobreiros)

no conc.<sup>o</sup> de Braga (freg.<sup>a</sup> de Parada de Tibães ou apenas Tibães): Minho.

*Albergaria dos Dozes*

(Albergaria dos 12)

no conc.<sup>o</sup> de Pombal (freg.<sup>a</sup> de Mata Mourisca): Beira Litoral.

— 100 —

*Cem*

(100)

nos conc.<sup>os</sup> de; — Arcos de Valdevez (freg.<sup>a</sup> de Rio de Moinhos): Minho; — Celorico da Beira (freg.<sup>a</sup> de S. Pedro): Beira Alta; — Felgueiras (freg.<sup>a</sup> de Lagares): Douro Litoral; — Marco de Canaveses (freg.<sup>a</sup> de Fohhada): Id.

\*

Este número *Cem* (100) provoca o maior engano da toponímia numérica. O antropónimo *Sem* confundiu-se, por falsa etimologia, com o numeral *Cem*. O Dr. Xavier Fernandes chamou a atenção para o caso, e aponta a verdadeira interpretação do enganoso topónimo, apenas aparentemente numérico. *Sem* procede etimologicamente de *Senili*, gen. de *Senilus*, em que se latinizou a forma germânica *Senila*.

O lugar de *Sem* corresponde pois à expressão de senhorio, atribuído a *Senila* ou ao lat. *Senilus*: terra de *Senili*, «que seria hoje, na fonética popular portuguesa, terra de *Sem*». (*Topónimos e Gentílicos*, vol. II, já cit., p. 293-294). É o mesmo caso de *Seia*, proveniente de *Sena*, cognato do anterior.

Camilo Castelo Branco, no romance *As três Irmãs*, escreveu: «— eu tinha dezeseite annos quando conheci Pedro Pedrossen de Villar, ou Pedrocem, como vulgarmente se diz, rico e opulento [...]» (1). Pedro Sem da Silva, que residia na Reboleira, nasceu no Porto e aí morreu a 9 de Fevereiro de 1775». Magalhães Basto deu notícia da família do Sem e dos Pedrossens, em «Da Torre de Pedro Cem», na *Silva de História e Arte*, Porto, 1945. Cfr. Luís da Câmara Cascudo, «A Lenda de Pedro Cem no Folclore Brasileiro», em *Vaqueiros e Cantadores*, Porto Alegre, 1939, págs. 205-211.

Temo-nos referido, e continuaremos a fazê-lo, a formas de etimologia popular; atente-se no estudo de John Orr, publicado na *Revue de Linguistique Romane*, em 1954, de que publicou a respectiva nota bibliográfica a *Revista Portuguesa de Filologia*, no vol. VII, de 1956; lê-se nesta nota; «A etimologia popular, a despeito do que, por vezes, possa ter de divertido ou mesmo de grotesco, não pode ser considerada como uma aberração linguística» (2).

*Cem de Além*

(100 de Além)

*Cem de Baixo*

(100 de Baixo)

no conc.º de Felgueiras (freg.ª de Lagares): Douro Litoral.

(1) Camilo Castelo Branco, *As três Irmãs*, Lisboa, 3.ª ed., Lisboa, 1902, pág. 62.

(2) *Notas bibliográficas*, sep. do vol. mencionado, Coimbra, 1957, pág. 9 (nota de Maria Helena Santos Silva).

*Cem de Riba*

(100 de Riba)

isto é, Cem de Cima, em oposição a Cem de Baixo (da riba-de-cima, para-riba, -para cima; por riba, por cima; arriba, -acima).

*Cem Portos*

(100 Portos)

no conc.<sup>o</sup> de Setúbal (freg.<sup>a</sup> de Bocage): Estremadura (Transtagana).

*Cem Soldos*

(100 Soldos)

pov. também conhecida por *Madalena de Cem Soldos* e apenas por *Madalena*: no conc.<sup>o</sup> de Tomar (sede de freg.<sup>a</sup>): Ribatejo.

*Madalena de Cem Soldos*

(Madalena de 100 Soldos)

Vid. *Cem Soldos*.

*Pátio dos Cem*

(Pátio dos 100)

na Charneca, subúrbios de Lisboa, integrada na cidade (freg.<sup>a</sup> do mesmo nome), Campo das Amoreiras.

— 1.000 —

O número 1.000, que aparece em muitos topónimos, exige a distribuição deles por três capítulos: — no primeiro, estão os topónimos em que o número

é realmente um número, embora represente, como é vulgaríssimo, a imensidade ou enormidade indeterminada, que atingiu na linguagem corrente o símbolo de grandeza sem número nem medida; — no segundo, incluir-se-iam os de aparente origem lendária e de etimologia popular; — no terceiro, ficarão os nomes procedentes de antropónimos de origem germânica, terminados em *mir*, latinizado em *mirus*.

\*

1.º —

*Mil Fontes*

(1.000 Fontes)

e

*Vila Nova de Mil Fontes*

(Vila Nova de 1.000 Fontes)

O topónimo popular não tem a extensão do administrativo; aquele é muito simplesmente *Mil Fontes*, que foi a forma primitiva, e se mantém entre o povo. — «Mil» é a expressão de número indeterminado, em vez de «muitas fontes», em casos paralelos, «milhentas fontes». Cfr. Leite de Vasconcelos, na *Revista Lusitana*, vol. XXX (Lisboa, 1932), p. 309, n.º 19.

*Beco das Mil Patacas*

(Beco das 1.000 Patacas)

trata-se de um topónimo cidadão de Lisboa (freg.<sup>a</sup> de Santo Estêvão: em Alfama).

Não é apenas a «pataca» a moeda que aparece em nomes de lugares. Esta é moeda brasileira (e foi por muitos anos o Brasil a «árvore das patacas», para o emigrante português, — o «Sr. Brasileiro»). Por qualquer motivo, hoje desconhecido, foi o nome

dessa moeda aplicado a marcar o de um local habitado, e específico, de Lisboa, no característico bairro de Alfama.

Outras moedas, portuguesas, figuram em topónimos fora da Cidade: o «tostão» e o «soldo»; — *Ribeira dos Tostões*, no conc.º de Mafra (freg.ª de Igreja Nova e Montelavar); — *Cem Soldos* (já incluindo este topónimo no § do número 100), no conc.º de Tomar (sede de freg.ª).

\*

2.º —

*Mileu*

(1.000 Eu)

Senhora de Mileu; no conc.º de Cernancelhe (freg.ª de Caria): Beira Alta.

Fr. Agostinho de Santa Maria transmite as lendas de Nossa Senhora de Mileu, em capelinha românica do séc. XII, na Póvoa de Mileu (*Santuário Mariano*, Tomo III, Lisboa, 1711).

A lenda etimológica tem formas diferentes: a invocação foi dividida em Mil — eu, ou 1.000 eu; a) — os Cristãos, derrotados, fugiam aos Mouros, que os perseguíam; imploraram o auxílio de Maria: apareceu-lhes, e animou-os com o brado «para mil (mouros) Eu!»; recompostos, os Cristãos voltaram ao combate e venceram; — b) — os ladrões roubaram a capelinha da Póvoa de Mileu, e, ao retirarem com o roubo, disseram com orgulho: «agora nem mil nos apanham»; uma voz respondeu: «de mil eu».

No *Onomastico totius latinitatis*, de Vincente De-Vit, encontram-se os topónimos: — *Mileum* (*nomen oppidi satis clari in Numidia, Punicum origine*), *Milevi* e *Mileu*: — Mileu, cidade da Numidia, entre Carta e Idu, no *Itinerário* de Antonino e na *Tábula* de Peutinger, hoje Milas ou Milah. Foi maior a sua fama nos anais da Igreja, como cidade episcopal, onde se realizaram dois concílios (402 e 416); teve már-

tires, e ficou vinculada fundamente ao apostolado de S.<sup>to</sup> Agostinho, Bispo de Hipona (1). Como o prestígio dos mártires percorreu toda a Cristandade, não provirá da invocação da Virgem desses mártires de Mileu, mais próximo da Península que os lugares de tantas e tão longínquas influências culturais? No *Onomástico Medieval Português*, tantas vezes citado, encontra-se o apelido masculino *Meleo* (1258. Inq. 307, 2.<sup>a</sup> col.): pode muito bem ser uma tardia manifestação do culto à Senhora de Mileu ou provir de lugar de *Meleu* ou *Meleo*.

\*

3.º —

Muitos topónimos, terminados em — *mil*, têm origem nos antopónimos germânicos em — *mir*, que latinizou em — *mirus*.

Pertencem, entre outros, a este grupo: *Aldemil* (de Aldemirus); *Amil* e *Amilo* (de Aumirus); *Antemil* (de Antemirus); *Argimil* (de Argimirus); *Argomil* (de Argomirus); *Armamil* (de Armamirus); *Armil* e *Armilo* (de Armirus); *Astromil* e *Estromil* (de Astromirus); *Bermil* (de Beramirus); *Creixomil* (de Creixomirus); *Fermil* (de Filimirus) com *Formil* e *Formilo*; *Friamil* (de Fridamirus) com *Framil* e *Framilo*; *Gâmil* (de Galamirus ou Ganamirus); *Geramil* (de Geramirus); *Germil* (de Gelmirus); *Gõmil* (de Godomirus); *Gondomil* e *Gontomil* (de Gundemirus e Guntemirus) com *Contomil*; *Guadramil* com *Guadramilo* (de Guadramirus); *Guemil* (de Guimirus); *Leomil* (de Leomirus); *Queixomil* (de Quistimirus); *Ramil* com *Ramilo*, *Ramilos*, *Ramila*, *Ramilas* (de Ramirus); *Samil* e *Sâmil* (de Salamirus); *Sandamil* com *Sandomil* e *Santomil* (de Sandamirus e Sandomirus); *Sangomil* (de Sangemirus) com *Sanjamil* e *São Jamil*; *Santomil* deturpação de *Samil*; *Seixomil* (de Saximirus); *Seramil* (de Seramirus); *Sesmil* (de Sesmirus); *Tertumil* (de Tertu-

(1) De-Vit, *Onomástico...* Tomo X, 1887, pág. 512, s. v. «Milevi».

mirus); *Tresmil* (de *Tresmirus*); *Treixomil* variante de *Queixomil*; *Valdemil* e *Valdomil* (de *Vardemirus*); *Vermil* com *Vermoil*, (de *Vermirus* ou *Vermilus*), etc. É longa a lista, e não ficou esgotada.

Nem todos estes topónimos se aprestam à confusão terminal com 1.000. Indiquem-se alguns deles com a aparência numérica de explicação vulgar ou que a ela se adapte ou possa adaptar.

*Aldemil* — *Al de mil*

(Al de 1.000)

S. Pedro de Aldemil: no conc.<sup>o</sup> de Póvoa de Lanhoso: Minho.

*Antemil* — *Ante — Mil*

(Ante — 1.000)

nos conc.<sup>os</sup> de: Cinfães (freg.<sup>a</sup> de Piães): Douro Litoral; — Guimarães (freg.<sup>a</sup>) (1).

*Contomil* — *Conto — Mil*

(Conto 1.000)

variante de *Gondomil*, por influência de contar-conto;

nos conc.<sup>os</sup> de: — Oliveira de Azeméis (freg.<sup>a</sup> de Loureiro): Beira Litoral; — Porto (freg.<sup>a</sup> de Campanhã): Douro Litoral.

Mais próximo de *Contomil* é *Gontomil*; *Gondomil* nos conc.<sup>os</sup> de: — Valença e Vila Verde (Moure); — *Gontomil* no de Valença (Fontouras); — todos estes do Minho. (2)

---

(1) e (2) Recorde-se para *Antemil* e *Contomil*, a etimologia popular de *Mileu*: — para 1.000 eu: — ante 1.000; — conto 1.000.

*Sangemil*

«São Gemil»

«São Jamil»

(São — Ja — 1.000)

de *Sangemirus* veio Sangemil; a pronúncia popular transformou o fonema *ge* em *jâ* e deu *Sanjamil*; a existência de *San*, (seguido de cons. (*j*—)) dá normalmente São; a palavra primitiva dividiu-se nas duas partes acessíveis à etimologia popular: *São Jamil* <sup>(1)</sup>. Cfr. Francisco Manuel Alves, Ab. de Baçal, *Memórias Arqueológicas Hiscas do Distrito de Bragança* vol. X, Porto, 1938, p. 153;

no conc.º de Bragança (termo de Vilar Seco da Lomba): Trás-os-Montes e Alto Douro.

*Santomil*

(Santo Mil)

(Santo 1.000)

para A. Gomes Pereira provém de *Santomirus* (*Tradições populares de Barcelos*, Esposende, 1900, p. 376); para Leite de Vasconcelos é deturpação de Samil; *Sâmil* — *Santo Mil* — *Santomil* (*Opúsculos*, vol. III, p. 245);

no conc.º de Barcelos (freg.<sup>a</sup> de Panque): Minho.

*Sesmil*

(Sês (6) — 1.000)

como *Tresmil*, dir-se-ia que o topónimo tem por primeira sílaba *Ses* — que sugeria

(1) *Sangemil*, na fonética popul. *Sanjamil*, que se dissimulou por homonímia em *San* — *São* e *jamil*.

Seis; há quem assim o tenha suposto já,  
como etimologia popular;

no conc.º de Chaves (freg.<sup>a</sup> de São Pedro  
de Agostém): Trás-os-Montes e Alto  
Douro.

*Tresmil*

(3.000)

este topónimo tem por inteiro a aparência  
de numeral: Três (3) e mil (1.000);

no concelho de Fafe (freg.<sup>a</sup> de Silvares):  
Minho.

*Valdemil*

(Val-de-1.000)

«val» por vale, de 1.000: o nome comum  
com o suposto numeral, ligados pela pre-  
posição, aparenta referência numérica;

no conc.º de Barcelos (freg.<sup>a</sup> de Airó):  
Minho.

*Vermil*

(Vêr 1.000)

como o anterior, também este aparenta  
numeração; vêr mil (Mil por muitos: cfr.  
V. N.<sup>a</sup> de Milfontes):

conc.º de; Barcelos (freg.<sup>a</sup> de Vila Boa,  
S. João): Minho; — Vouzela (freg.<sup>a</sup> de  
Carvalho de Vermilhas): Beira Alta.

---

Cfr. para esta real ou suposta numeração de 1.000:  
António Gomes Pereira, *Tradições populares,  
Linguagem e Toponymia de Barcelos*, Esposen-  
de, 1916: toponímia: págs. 317 a 406.

Leite de Vasconcelos, *Opúsculos*, vol. III, Coimbra, 1931, vid. Índice.

Francisco Manuel Alves, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, vol. X, Porto, 1938, e XI, Porto, 1948; vid. Índices (o volume XI tem os índices gerais dos volumes).

Joaquim da Silveira, *Toponímia Portuguesa (Esboços)* na *Revista Lusitana*, vols. XVI (pp.147-148), XVII (pp. 114-134), XXIV (pp. 189-226), XXXIII (pp. 233-269) e XXXV (pp. 50-139) de 1914 a 1937.

I. Xavier Fernandes, *Topónimos Gentílicos*, vol. II, Porto, 1944; cfr. Índice.

A. A. Cortesão, no *Onomástico Medieval Português*, publicado em *O Archeologo Português*, desde o vol. VII (Lisboa, 1902) p. 186 ao vol. XVII (1912) p. 156, faculta muitas notícias destes topónimos e dos antropónimos correspondentes, por vezes com elementos e sugestões muito importantes.

## II

### NUMERAIS ORDINAIS

(1.º ?), 2.º (Segundo e Segunda),  
 3.º (Terceiro e Terceira, Terço e Terça),  
 4.º, 5.º, (6.º ?), 7.º, (8.º ?), (10.º ?).

Não é fácil interpretar todos quantos topónimos se apresentem com a forma ou sugestão de números indicativos de ordem de contagem (numerais ordinais) ou de parte, fracção métrica ou percentagem de um todo (fraccionários, distributivos, partitivos, proporcionais). Sem qualquer informação justificativa ou orientadora, hesita-se entre algumas expressões ordinais e respectivos valores fraccionários.

—*Terço* e *Terça*:—quando valem por terceiro e terceira na ordem dos seres e dos tempos, e a fracção de terça parte ou terço e terça de qualquer?—Id. para o plural.

— *Quarto* e *quarta*:— quando significa estar ocupado lugar de série ou cadeia, ou fracção 4 da unidade?— Id. para o plural.— *Quarta* foi medida de capacidade.

— *Quinta* e *quinto*:— podem indicar ordem relativa ou tributo de herdade, cujo usufrutuário pagava o quinto ou quinta parte da colheita ao senhorio directo.— Lembrem-se as «naus dos quintos» do ouro e das pedras do Brasil.— Id. para o pl.— *Quintal* foi e ainda é medida de peso. (Cfr. para «*Quinta*» A. Gomes Pereira, *Tradições pop. . . de Barcellos*, p. 313).

Para *Oitavo* e *Oitava* podemos dizer o mesmo;— ordem?—fracção? (Cfr. Viterbo, *Elucidário*, s. v.). *Décimo* estará na dúvida, também, no topónimo «*Décimos*».

Já as dúvidas ou hesitações desaparecem, quando se apresentem claramente os ordinais («segunda», «terceira») e os fraccionários («meia», «metade», etc.), bem como derivados («sesmaria, que vale por a 6.<sup>a</sup> parte) ou supostos, por deturpação e «etimologia popular» («sétimo» por Cértima).

## — 2.º —

### *Segunda Aldeia*

(2.<sup>a</sup> Aldeia)

no conc.º de Macedo de Cavaleiros (freg.<sup>a</sup> de Vilar do Monte): Trás-os-Montes e Alto Douro.

### *Segundeira*

(2.<sup>a</sup> eira)

de segunda eira ou segundeiro-a, o que está em segundo lugar?

no conc.º de Poiães (freg.<sup>a</sup> de Santo André de Poiães): Beira Litoral.

— 3.º —

*Ilha Terceira*

a ilha que foi descoberta em terceiro lugar, nos Açores, depois das de São Miguel e Santa Maria.

*Terça & Terças*

«o mesmo que terceira» (Cândido de Figueiredo, *Novo Dicionário*) ou «a terça parte de um todo (Id. s. v.)? Qual o significado aqui?

— *Terça*: nos conc.<sup>os</sup> de: — Amarante (freg.<sup>a</sup> de Freixo de Cima): Douro Litoral; — Arouca (freg.<sup>a</sup> de Real): Id.

*Terças*: — nos conc.<sup>os</sup> de: — Feira (freg.<sup>a</sup> de Canedo): Douro Litoral; — Oliveira do Hospital (freg.<sup>a</sup> de Macieira de Sarnes): Beira Alta; — Ponte da Barca (freg.<sup>a</sup> de Nogueira): Minho.

— 4.º —

*Quarta Feira*

(4.<sup>a</sup> Feira)

a quarta feira do mês ou do concelho?  
no conc.<sup>o</sup> de Sabugal (freg.<sup>a</sup> de Sortelha): Beira.

— 7.º —

*Rio Sétimo*

(Rio 7.º)

aqui, a expressão ordinal é apenas aparente; «sétimo» não é mais que a deturpação popular, por confusão auditiva de

«Cértima», afluente do Águeda, com o ordinal «sétimo»: *Rio Sétimo*, em vez de *Rio Cértima*, com a modificação da concordância gramatical, adaptada à mudança do género. Cfr. Joaquim da Silveira em *Revista Lusitana*, vol. XI (1908) p. 382.

\*

Os topónimos *Quartos*, *Quintos*, *Sextos*, *Oitavos* e *Décimos*, todos no plural, tanto poderão ser de numeração ordinal, como indicar partes de todo. No primeiro caso, exigir-se-ia o conhecimento dos objectos dos lugares seriados, o que, nas séries maiores, reclamaria exagerado número de elementos referenciados, facto não observado na toponímia: ao longo da série, surgiriam referências tópicas mais importantes que as da numeração. Considerar-se-ão, pois, de feição partitiva ou fraccionária.

### III

#### NÚMEROS FRACCIONÁRIOS

$\frac{1}{2}$  (Meio, Meia, Meão e Metade),  $\frac{1}{3}$  (Terça),  
 $\frac{1}{4}$  (Quarto e Quarta, Quarteiro e Quarteira),  
 $\frac{1}{5}$  (Quinto e Quinta, Quintana e Quintã, Quintela),  
 $\frac{1}{6}$  (Sesmo e Sesmaria),  $\frac{1}{8}$  (Oitavo - Oitavos),  
 $\frac{1}{10}$  (Décimo - Décimos).

$\frac{1}{2}$

*Meia Via*

( $\frac{1}{2}$  Via)

«meia via» ou meio caminho, entre Lisboa e Coimbra pela estrada antiga; coincide o

lugar com um poço público: vid. I. Xavier Fernandes, *Topónimos e Gentil.*, vol. II, p. 332).

no conc.º de Torres Vedras (freg.ª de Santiago, da vila): Estremadura<sup>m</sup> (Cistagana).

**Meia Vinda**  
 ( $\frac{1}{2}$  vinda)  
 deformação popular do topónimo anterior (Meia Via): I. Xav. Fernandes, *Id.* p. 332.

**Meias Vides**  
 ( $\frac{1}{2}$   $\frac{1}{2}$  Vides)  
 no conc.º de Pombal (freg.ª de Almala-greira): Beira Litoral.

**Aldeia da Metade**  
 (Aldeia da  $\frac{1}{2}$ )  
 no conc.º de Sertã (freg.ª de Carvalho): Beira Baixa.

**Meio**  
 (X do Meio)  
 ( $\frac{1}{2}$ )

É frequentemente, quando há o mesmo topónimo aplicado a partes separadas ou contíguas na mesma região, distinguirem-se as partes com a alusão toponímica de todas depois de se lhe juntar a referência à posição relativa. Assim; X de Cima, *X do Meio* e X de Baixo; ou, como neste caso concreto, seme-

lhante a muitos mais: Rendufas da Estrada, *Rendufas do Meio*, e Rendufas da Mata (no conc.º de Torres Novas, freg.ª da Chancelaria: Ribatejo).

### *Meão-Meã*

( $\frac{1}{2}$ )

Das formas lat. *medianus-mediana* vieram para port. *meião* e *meeão-meão*, e *meiã-meã-meã*, a significar o que está no meio ou é médio-média de duas ou mais referências. A referência tanto pode aludir a espaço, terreno, localização, como a importância civil, social, populacional. Encontram-se os topónimos: — *Meão* e *Meã* e *Meãs*.

### *Meão*

nos conc.ºs, de Castro Daire (freg.ª de Parada de Ester): Beira Alta; — Espo-sende (freg.ª de Gandra): Minho.

### *Vila Meã*

nos conc.ºs de Amarante (sede de freg.ª): Douro Litoral; — Barcelos (freg.ªs de Abade de Neiva, Bradela, Goios, Gual, Oliveira, Silveiros—S. Salvador, Vila Frescainha—S. Martinho): Minho.

### « *Vila Mediana* »

em *Onomástico Medieval*: 960, Livro de D. Mumadona; (*O Arch. Port.*, XVI, p. 258).

### *Meãs*

nos conc.ºs de: — Miranda do Corvo (freg.ª): Beira Litoral; — Montemor-o-Velho (sede de freg.ª): Id.; — Pampilhosa da Serra (freg.ª de Unhais-o Velho): Beira Baixa.

— *Meãs de Baixo* e *Meãs de Cima*: no conc.<sup>o</sup> de Montemor-o-Velho (freg.<sup>a</sup> de Meãs).

— *Meãs do Campo*: nome aplicado a *Meãs*, do conc.<sup>o</sup> de Montemor-o-Velho.

$$\frac{1}{3}$$

*Terça & Terças*

$$\left(\frac{1}{3}\right)$$

Um terço de um todo? A terça parte de qualquer coisa? A terça de uma herança. Os dicionários dão a «terça» o sinónimo de terceiro. Ver os topónimos no grupo dos ordinais.

$$\frac{1}{4}$$

*Quartas, Quartos & Quarteira*

$$\left(\frac{1}{4} \quad \frac{1}{4} \quad \frac{1}{4}\right)$$

Encontram-se estes topónimos: — *Quartos, Quartas, Quarteira, Quartinhos*.

Se os dois primeiros podem indistintamente significar localização em 4.<sup>a</sup> ordem ou parcela de  $\frac{1}{4}$  de um todo ou unidade, os dois últimos não oferecem dúvida, indicam quota parte.

*Quarta* (quarta pars): — «hoje a quarta parte de hum alqueire; mas não he esta a *quarta*, que nos antigos Prazos se encontra. Neles a *quarta* era com respeito ao *Moio*, e ao *quarteiro do Moio*, v. g. sendo o *Moio* de 64 alqueires, a sua quarta era o que dizião *quarteiro*, ou a sua quarta parte, que contava 16 alqueires: a *quarta do quarteiro* erão 4 alqueires . . . ». (Viterbo, *Elucidário*, s. v.).

**Quarteiro** (Quartarius):—«O Colono, ou Emphiteuta, arrendatario, ou caseiro, que vive e trabalha em terras, de que não tem Direito Senhorio, e das quaes paga *quartas*, ou *quarteiros de pão, e vinho*, ou de algum destes generos». (Viterbo, *Elucidario*: «Quarteiro» I). — «Cousa paga aos quarteis, ou em diferentes tempos, assim como eram diversas em espécies as pensões, que se pagavão». (Id. «Quarteiro» II). — «Quarteiro, que he a quarta parte do Moio, assim como o *sesteiro* era a sexta parte» (Id. «Quarteiro» III.). — *Quartano*: (quartanus), *Quarteira* e *Quarteirão*:— «he a 4.<sup>a</sup> parte do quarteiro, o qual he a 4.<sup>a</sup> parte do Moio» (Id., s. v.). Um quarteiro de pão era a quarta parte do que rende.

Na toponímia apparecem nomes correspondentes a estes sistemas agrários: — *Quarto*, — *Quarta*, — *Quarteira*, — *Quartinho*.

### **Quartos:**

nos conc.<sup>os</sup> de:—Loulé (freg.<sup>a</sup> de São Clemente): Algarve;—Oleiros (*Quartos de Além e Quartos de Aquém*): Beira Baixa;—Peso da Régua (freg.<sup>a</sup> de Fontelas): Trás-os-Montes e Douro Litoral.

— *Quartos de Além*: na freg.<sup>a</sup> de Álvaro;  
— *Quartos de Aquém*: na freg.<sup>a</sup> de Oleiros (no mesmo conc.<sup>o</sup> de Oleiros).

### **Quartas:**

nos conc.<sup>os</sup> de:—Monção (freg.<sup>a</sup> de Riba de Mouro): Minho:—Vila Verde (freg.<sup>a</sup> de Sande): Minho.

### **Quarteira**

no conc.<sup>o</sup> de Loulé (sede de freguesia;  
—*Praia da Quarteira*, no mesmo conc.<sup>o</sup> (freg.<sup>a</sup> de Boliqueime).

**Quartinhos**

este topónimo pertence ao conc.º de Oleiros (Beira Baixa); parece não corresponder à medida homónima de capacidade ou de conta monetária; como no mesmo concelho há *Quartos de Àquem* e *Quartos de Além*, terá acontecido, como em casos similares, que uma povoação menor, em relação àquelas, ou mais nova, recebesse o respectivo diminutivo, igualmente no plural: — *Quartinhos*.

\*

**Vilarinho das Quartas**

(Vilarinho das  $\frac{1}{4}$   $\frac{1}{4}$ )

no conc.º de Arcos de Valdevez (freg.ª de Soajo): Minho.

Viterbo (*Elucidario*): — «*Quarta* de pam. Assim chamão hoje a quarta parte de hum alqueire; mas não he esta a *quarta*, que nos antigos foraes se encontra. Nelles a *quarta* era com respeito ao *Moio* [...]» E — «*Quarta* de vinho. Esta medida, com que hoje se mede a quarta parte de hum almude, constante de doze canadas, seguio antigamente a mesma Ordem, que a *quarta do pam*, a respeito do *Moio* (s. v., vol. II, 251)».

$\frac{1}{5}$

*Quinta*  
*Quintana*  
*Quintela*  
*Quinto*

( $\frac{1}{5}$ )

— *Quinta* ou *Quintana*: «porque se supõe que dessa herdade se pagava um

*quinto* para o senhorio directo»: A. Gomes Pereira, *Trad. popul., Linguagem e Toponymia de Barcellos*, p. 313. *Quintella*: quinta pequena; e *Quintazinha*, *Quintanilha* (de *Quintana*), também diminutivos. Cfr. o que foi dito de «Quarta» e se dirá de «Sesmaria» e «Oitavo».

### Quintos

$(\frac{1}{5} \frac{1}{5} \frac{1}{5})$

nos conc.<sup>o</sup> de: — Beja (sede de freg.<sup>a</sup>): Baixo Alentejo; — Melgaço (freg.<sup>a</sup> de Chaviães): Minho; — Vila Verde (freg.<sup>a</sup> de Portela): Id. (1).

São numerosos os topónimos medievais, incluídos no *Onomástico* de A. A. Cortesão: — *Quintaes* (1253), — *Quintaas* (1220), — *Quintaeiro* (1220), — *Quintaela* e *Quinteela* (1220), — *Quintanali* (1258), — *Quintanario* e *Quinteiro* (1258), — [Vila] *Quintana* (953), — *Quintanas* (1220), — *Vila Quintanella* (953), — *Quintas* (1258), — *Quintela* (séc. xv).

Correspondem-lhes os actuais, numerosos e espalhados no território português: — *Quinta*, — *Quintas*, — *Quintã*, — *Quintal*, — *Quintais*, — *Quintana*, — *Quintanilha*, — *Quintazinha*, — *Quinteiro*, — *Quintela*, — *Quintinha*, etc.

(1) Apenas pelo sabor anedótico, menciona-se o que Pinho Leal estampou no *Portugal Antigo e Moderno*, acerca desta mesma povoação alentejana de *Quintos*: — «Antigamente eram os *Quintos* a última povoação de Portugal por este lado (hoje é Ficalho, ou Villa Velha de Ficalho) e por isso, quando os nossos paes se zangavam com alguém e o não queriam mandar para o inferno, diziam: *Vae para os Quintos*. Ainda hoje nas provincias do norte se roga esta praga. (Vol. 8, págs. 38-39). Cfr. Augusto Moreno (*Dicionário Complementar*), «Quinto»: «...*pl. (pop.)* o inferno; lugar a grande distância».

Repartir prestações de quintos, isto é, tirar 1 de cada 5, deu o verbo *quintar*. Terra, que pagava ao senhorio a quinta ou o quinto do rendimento global, tomou o nome de *quinta*, e os respectivos topónimos primitivos e os derivados são de origem e aplicação rurais. As «naus dos quintos», que vinham do Brasil, pagavam à Coroa o *quinto* da carga total da mercadoria rica.

$$\frac{1}{6}$$

*Sesmaria*

( $\frac{1}{6}$ )

nos conc.<sup>os</sup> de: — Leiria (freg.<sup>as</sup> de Marrazes e de Monte Redondo): Beira Litoral; — Tomar (freg.<sup>a</sup> de Olalhas): Ribatejo.

*Sesmarias*

(Sexmarias)

nos conc.<sup>os</sup> de: — Sertã (freg.<sup>a</sup> de Várzea dos Cavaleiros): Beira Baixa; — Vila de Rei (freg.<sup>a</sup> de Peso): Beira Baixa.

*Sesmo*

no conc.<sup>o</sup> de Castelo Branco (freg.<sup>a</sup> de Sarzedas): Beira Baixa.

\*

Viterbo dá para *Sesmo* a seguinte definição: — «Sexto, foro de seis hum. *Huma vinha que chamaõ de sesmo*, isto he, que paga ração de sexto».

No voc. *Sesmaria*: — «[...] A origem deste nome parece que se deve procurar em *Sesma* (hoje *Sesmo*), que era a sexta parte de qualquer cousa. E como estas terras se costumavão dar com foro,

e pensão de *sexto*, ou de *seis hum*, daqui se disse facilmente *sesmaria*, e *sesmeiro*; e também *sesmo*, sitio, termo, ou limite, em que se achão estas terras, assim dadas em *sesmaria*. (*Elucidario*, s. v. «*Sesmo*» e «*Sesmaria*»). Cfr. Xavier Fernandes; — *Sesmo*: sexta parte (*Topón. e Gentil.*, vol. II, p. 377).

Nas cartas topográficas da Companhia Agrícola das Lezírias do Tejo, no conc.º de Vila Franca de Xira, e continuação de antigos prazos, encontra-se o termo *Sesmarias*, correspondente à antiga instituição agrícola de arrendamentos de terras de trigo. No entanto, «*sesmaria*» também significa «terreno inculto ou abandonado; maninho» (Morais Moreno, etc.), mas «*sesmar*» é dividir terrenos em *sesmarias* (Id.), e «*sesmeiro*» o que os divide em *sesmarias* e o que os recebe em regime de *sesmaria* para os cultivar; «*sesmo*» o terreno *sesmado* ou onde há *sesmarias*, e, em significação antiga, «*limite*; *quinhão*; *partilha*» (Id.) (1).

$$\frac{1}{8}$$

*Oitava*

( $\frac{1}{8}$ )

*Oitava* e *Oitava*: — «oitava parte de qualquer cousa, peso, ou medida; em alguns Foraes se chama *oitava*» (Viterbo, *Elucidario*, s. v., II, 179-180).

no conc.º de Lousada (freg.ª de Pias):  
— Douro Litoral.

---

(1) Leite de Vasconcelos, em *Etnogr. Portuguesa*, nota que, além de «*sêsmo*» ser «uma das sub-divisões de terrenos em que se scindiu uma coitada (pastagem reservada) ou outra propriedade, que teve de se repartir por vários indivíduos», designa também no Redondo (Alentejo) «a rua que divide entre si os *sêsmos* pròpriamente ditos» (vol. III, pág. 531).

*Oitavos.*

( $\frac{1}{8}$   $\frac{1}{8}$ )

oitavo em ordem? oitavo partitivo? —  
8.º ou 8.ª parte ( $\frac{1}{8}$ )?

no conc.º de Cascais (freg.ª de Nossa Senhora da Assunção): Estremadura (Cistagana).

—10.º—

*Décimos*

(10.º ou  $\frac{1}{10}$ )?

«Décimas»: — «assim chamaram antigamente aos *Dizimos*, que da Synagoga passarão para a Igreja. O constituir de décima parte dos fructos lhes rendeo o nome de *Décimas*, que hoje differem dos *Dizimos*, em serem estes applicados para a sustentação da congrua dos ministros do Senhor, reparo, e construcção de Templos, e socorro de pobres...». Viterbo, *Elucidario*, s. v.). Décimos e não décimas por influência de *Dízimos*, masc.? Ou pessoa, lugar, serviço, contados em décimo lugar?

no conc.º de Marco de Canaveses (freg.ª de Penha Longa): — Douro Litoral.

*Nota final:* este conjunto de topónimos com referências numéricas, reais ou aparentes e de interpretação popular, não passam de uma tentativa de estudo com suas falhas de entendimento e ausências

de outros exemplos, que, por qualquer motivo, passaram despercebidos. Se o ensaio merece alguma atenção a estudiosos e até a coleccionadores ou anotadores de curiosidades de topónimos portugueses, o autor roga a emenda dos erros e o preenchimento das lacunas.